



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

23 de Outubro de 2010

Argentina

Militante do Partido Obrero assassinado – responder com luta

O Partido Operário Revolucionário denuncia, aqui no Brasil, o assassinato do militante Mariano Ferreyra, pertencente ao Partido Obrero (PO), da Argentina. Os assassinos aguardaram o término da manifestação contra as demissões de ferroviários terceirizados para atacar os militantes com barras de ferro e paus. Um dos agressores sacou a arma e desfechou vários disparos. Mariano Ferreyra morreu instantaneamente e Elza Rodríguez se encontra em estado grave com uma bala cravada na cabeça.

A acusação dos crimes recai sobre os bate-paus e fascínoras ligados à burocracia da Confederação Geral do Trabalho (CGT), vinculada ao governo dos Kircheners. Imediatamente, a militância bloqueou os trilhos da ferrovia, exigindo punição dos assassinos. A Central dos Trabalhadores Argentinos (CTA) convocou uma marcha responsabilizando o governo de Cristina Kirchner. Deve-se ter claro que tudo será feito pelo governo burguês para acobertar os criminosos.

O ataque do tipo fascista aos militantes e o assassinato de Mariano Ferreyra objetivam espalhar o terror entre os trabalhadores e a sua vanguarda. A burocracia sindical constitui um braço do Estado capitalista, cuja evolução para se tornar uma força auxiliar da repressão policial depende apenas da situação política e da luta de classes. Sua ligação com a classe capitalista e com os governos a coloca como tropa a serviço da exploração do trabalho. Isso explica que a polícia assistiu passiva a investida dos bandidos da CGT diante da militância desarmada e surpreendida pela sanha planejada nos porões da burocracia pró-patronal.

A história do movimento operário está repleta de acontecimentos como esse. Os mais marcantes, por sua orientação política, se encontram nos períodos de domínio do nazi-fascismo.

A burocracia sindical peronista saltou da condição de tropa do nacionalismo burguês para de tropa de defesa do grande capital. A camarilha que controla a CGT não guarda nenhuma relação com a classe operária. Estruturou-se como corpo estranho no aparato sindical. Uma das funções da burocracia é a de eliminar a democracia operária dos sindicatos e da Central. E implantar uma força repressiva às tentativas da classe operária de expressar seu instinto de revolta e ao trabalho político-sindical da vanguarda combaten-

te, como aquela que organizava a luta contra as demissões dos terceirizados.

A burocracia bloqueia a revolta dos assalariados e golpeia com violência a militância que se põe no terreno da organização independente dos explorados. Não foi por acaso que o piqueteiro abatido sem que tivesse como esboçar qualquer defesa é um militante de um partido que se reivindica do trotskismo. A burocracia se comporta como inimigo de classe. De fato, encarna a violência reacionária da classe capitalista sobre a classe operária e os demais oprimidos.

O POR se solidariza com a militância classista dos ferroviários ameaçada pelos bandos da CGT, e luta ao seu lado na caça dos responsáveis. Há que se fazer uma campanha internacional que congregue todas as correntes revolucionárias e democráticas em defesa da classe operária e de sua vanguarda diante da violência reacionária da burguesia argentina, de seu Estado e da sua burocracia gangsteril.

A Argentina atravessou uma das ditaduras mais sanguinárias da América Latina. Trinta mil mortos, milhares de torturados e dezenas de filhos sequestrados foram o seu saldo. A burguesia preservou seu sistema social à custa do sangue de milhares de combatentes. Não obstante, não pôde evitar o avanço da decomposição econômica, que em última instância reflete o capitalismo mundial.

O ponto alto de sua decadência ficou exposto na Guerra das Malvinas. Não apenas porque o País não tinha um exército à altura do imperialismo inglês, apoiado pelo imperialismo norte-americano, mas sim porque a burguesia e seu governo militar preservaram o capital imperialista em suas fronteiras nacionais e não armaram a população para combater os invasores das Malvinas.

Os governos ditos democráticos mantiveram as instituições da ditadura. Sob pressão do movimento democrático, abriram-se alguns processos e se fingiram de punir alguns dos responsáveis. Evidenciou-se que somente a classe operária poderia e poderá liquidar a máquina de opressão e repressão sobre as massas e sua vanguarda. Sob os governos ditos democráticos, continuou-se a matar e desaparecer militantes.

O assassinato de Mariano Ferreyra, preparado pela burocracia a serviço do governo e dos patrões, não é tão-somente uma provocação isolada da CGT, mas também um anúncio de que a luta de classes na Argentina se agrava e que a classe operária terá de organizar sua autodefesa. Coloca-se a necessidade do movimento revolucionário constituir piquetes armados de enfrentamento com os bandos direitistas.

Está colocada a tarefa de expor a mais profunda raiz de classe da violência desfechada pelos burocratas contra a militância classista e do assassinato de Mariano Ferreyra. A via política de combater a reação, punir os assassinos e avançar a organização de classe dos explorados se concentra na defesa de constituição de um Tribunal Popular formado por representantes de fábrica, de outros locais de trabalho e de estudo.

Viva a luta dos ferroviários! Readmissão de todos os demitidos!

Punição dos assassinos de Mariano Ferreyra!

Pela constituição de um Tribunal Popular!

Escreva para Caixa Postal 01171 - CEP 01059-970 - São Paulo - SP - www.pormassas.org